



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Conhecimento histórico e Internet:
uma conversa com Carlo Ginzburg.

Dênis Renan Corrêa¹Marcos Schulz²

No dia 29 de novembro de 2010 o historiador italiano Carlo Ginzburg esteve em Porto Alegre para realizar uma conferência no seminário internacional *Fronteiras do Pensamento*. Ginzburg tornou-se célebre pelo seu trabalho com as crenças populares europeias do século XVI, principalmente nas obras *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de moleiro perseguido pela inquisição* (1976) e *História Noturna: decifrando o sabá* (1981), porém o tema da sua conferência em Porto Alegre foi ao mesmo tempo mais ousado e inovador: *História na Era Google*. Este tema está relacionado ao trabalho mais recente de Ginzburg, especialmente as obras *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história* (1986) e *Relações de Força: história, retórica, prova* (2000), onde ele fez sua contribuição aos debates sobre a epistemologia do conhecimento histórico, não hesitando em tomar posições polêmicas e atitudes combativas. Fundamentado na sua experiência na história da arte, e agindo com ampla liberdade em diversos temas, Ginzburg constitui uma obra de referência para tratar as controvérsias históricas do século XX, e desta perspectiva ele lança seu olhar analítico ao tema da *História na Era Google*.

A equipe editorial da Revista AEDOS – que então acabara de lançar o edital para o dossiê temático: Conhecimento histórico e Internet – procurou Carlo Ginzburg para conversar sobre o impacto desta revolução tecnológica sobre as práticas de armazenamento e disponibilização de acervos, a “hipertextualização” das enciclopédias, entre outras modificações na relação entre historiador e fonte. A primeira curiosidade que tentamos saciar foi bastante trivial: além do uso propriamente acadêmico, como Carlo Ginzburg utiliza a

internet? O historiador italiano respondeu que usa como todo mundo: notícias, jornais, informações úteis; antes de viajar para Porto Alegre, por exemplo, ele pesquisou sobre a previsão do clima para os dias em que ele ficaria no Brasil.

Rapidamente o tema tomou proporções mais acadêmicas, e Ginzburg falou-nos sobre o impacto desta revolução tecnológica sobre a prática do conhecimento, embora alertasse que não gostaria de precipitar-se sobre temas que seriam tratados na sua conferência, que ocorreria no dia seguinte ao da nossa conversa. Neste texto, procuraremos realizar um resumo da sua avaliação sobre o tema conhecimento histórico e internet, baseado em nossa conversa pessoal, bem como na sua conferência.

Ginzburg alerta-nos que as repentinas mudanças provocadas pela Internet e pelo Google se desenvolvem num contexto histórico específico, as práticas de leitura da internet não substituem o livro, que é o instrumento que nos ensina a lidar com a extrema velocidade da internet, e da mesma forma a capacidade astronômica de indexação de informações do Google é uma sofisticação das práticas de indexamento existentes há séculos. O que encontramos na avaliação de Ginzburg é uma concepção desta transformação tecnológica extremamente relacionada à sua obra e, além disso, uma valorização do fenômeno da leitura, ao qual o tema da internet está subsidiado, e que segundo ele é muitas vezes mais complexo e importante.

Ginzburg se contrapõe a visões pessimistas, como a de Roger Chartier, para quem a leitura feita na tela no computador é fragmentária, algo que o Google fomentaria pela quantidade e pela velocidade da informação que se acumula. Mas para o historiador italiano qualquer leitura é sempre fragmentária; isolar frases de seu conteúdo amplo original, descontextualizar trechos e capítulos, ignorar a data de escrita, são atitudes que o leitor faz a toda hora independentemente do suporte do texto - e mesmo do tipo de texto. Ginzburg realiza o enraizamento dos novos processos de leitura em práticas já existentes. Como uma ferramenta epistemológica fundamental para dominar esses processos, Ginzburg empresta de Nietzsche a ideia de “slow reading”, a leitura exegetica e filosófica dos textos, buscando compreender cada conceito em seu uso particular e a teia de relações que se constrói em sua volta. Ler na tela do computador é algo passível dessa mesma postura. A leitura fragmentária é impulsionada pela ferramenta Google, mas ela não é fundamentalmente diferente dos índices bíblicos, que se introduziram no mundo ocidental no século XII. A posição de Ginzburg quanto ao significado do Google é mais sobre a intensificação dos processos de leitura tradicionais do que de uma novidade revolucionária.

Além disso, defendendo a importância dos livros na constituição de uma nova forma de compreender o tempo, proporcionada pela internet, Ginzburg relembrou a concepção de Aristóteles - no tratado *Da memória e da Reminiscência*³ - segundo a qual existem duas formas de lembrar-se: a memória do dia-a-dia e a memória acumulativa. Conforme o historiador, o Google é uma ferramenta de busca tributária deste segundo tipo aristotélico de memória; porém, adentra o universo do dia-a-dia a partir do fato de se constituir numa espécie de prótese do nosso corpo, da nossa mente, transformando nossa experiência de vida. Aos pesquisadores e historiadores nada disso é novidade, o Google intensifica a quantidade de informação, mas não muda as categorias tradicionais nas quais podemos ler, pensar e digerir tal informação. Como salienta o autor na sua conferência, as escolas precisam da internet, bem como a internet precisa das escolas onde ocorre verdadeiro ensino. Em outras palavras, a internet não é autossuficiente nem faz mágica na área do ensino.

Da mesma forma, quanto à preocupação com a veracidade da informação que circula na internet, podemos recordar, com Umberto Eco, que esse é um problema do qual não estão livres as bibliotecas⁴. Nós procuramos questionar ele sobre as implicações da internet na sua crítica ao ceticismo histórico⁵, porém ele apenas sustentou sua posição de que existe uma diferença fundamental entre história e ficção, e que a internet não muda em nada esta concepção.

Perguntamos, então, se a internet estaria proporcionando condições semelhantes às da invenção da imprensa, que através da disseminação dos livros trouxe não só a intensificação do conhecimento propriamente dito, mas também das leituras adversas e excêntricas partindo da cultura popular, entre estas, a que fez o próprio Menocchio, que Ginzburg havia estudado. Salientamos que a cultura de elite, representada pelos Inquisidores que interrogaram e condenaram Menocchio, reprimia e combatia a leitura divergente das informações. Ao questionado pelo assunto, Ginzburg respondeu com outra pergunta: “Mas, quem são os Inquisidores hoje?” O historiador italiano não quis adiantar um assunto que iria abordar na conferência do dia seguinte, mas podemos perceber claramente que este papel de controle da informação está diluído em vários setores da sociedade – nas palavras dele, empresas privadas gerindo informações de interesse público também não são novidades da era virtual.

A internet é objeto de conflitos de diferentes maneiras, como a intensificação dos ódios e intolerâncias provocados pelas redes sociais, ou o tema das disputas em torno do uso que se faz desta nova tecnologia. Ginzburg preferiu não abordar estes assuntos e não

considerou que houvesse grandes problemas na relação entre os “source owners⁶” e uma gama de novos leitores que agora possuem acesso às fontes através da internet.

Esta questão, no entanto, ocorreu a Robert Darnton⁷, historiador que, enquanto diretor da Harvard University Library, entrou em conflito com o Google, ao não permitir que este comercializasse as digitalizações de obras cujo copyright pertence à biblioteca. Darnton preferia que estas versões digitais fossem distribuídas gratuitamente e não estivessem submetidas ao controle de uma empresa como o Google. As disputas de poder, como não poderia ser diferente, ocorrem também no mundo virtual. Ainda como salienta Ginzburg, a internet é uma ferramenta apenas *potencialmente* democrática, pois está submetida a controle social como outras mídias.

No entanto, o foco de Ginzburg é outro, ao afirmar que a postagem não é importante: é a leitura que se faz na internet que o interessa. A chave estaria na intermediação entre livros e internet, até porque a conhecimento indexado no Google pressupõe uma cultura escrita, servindo o livro de metáfora. Essa intermediação se mostra aberta à análise de Ginzburg a partir de necessários estudos de caso – na medida em que o Google continua “under theorized”. E é sobre um estudo de caso que ele se deterá mais longamente na sua conferência, ao tratar de Diana, nome fictício de uma leitora excêntrica da internet que entra em contato com Ginzburg. Ela acredita que seja uma *benandanti*, baseada nas suas leituras de *Os Andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII* (1966), primeira obra do historiador italiano, bem como em entrevistas do historiador que ela recolheu no meio virtual. Diana construiu um “pedaço de identidade” se valendo de tradições que a atingiram somente na forma de ecos, constelações culturais que existiram em contextos absolutamente diferentes do seu, mas que a ela tornaram-se acessíveis através da internet. Ela o fez abolindo espaço e tempo, ou seja, de maneira totalmente anti-histórica.

Por outro lado, o próprio Ginzburg só conseguiu investigar e descobrir como esta Diana chegou até sua obra através do mesmo mecanismo que ela havia utilizado: o Google. Este instrumento se presta à intensificação da pesquisa histórica, mas também à intensificação do cancelamento da história, ao permitir interações culturais tão adversas à lógica de um mundo acostumado, até a pouco tempo atrás, apenas com o meio tradicional de transmissão da informação. Como afirma Ginzburg, no presente eletrônico o passado se dissolve e os conceitos de presente, futuro e passado – conforme os historiadores os compreendiam – se tornaram mais frágeis.

Nestes debates sobre internet, temas recorrentes da obra de Ginzburg concorrem para suas conclusões a respeito da História na Era Google: a hierarquia entre os tipos de cultura, o controle social da informação, o indiciamento e indexamento dos conteúdos culturais; tudo isto sustentado no estudo das experiências de indivíduos simultaneamente comuns e excepcionais. Diana seria uma espécie de “novo Menocchio”? E, novamente, quem seriam os Inquisidores da internet? Ginzburg apontou para algumas respostas, mas as perguntas sobre o tema permanecem em aberto, e talvez outras sequer foram pensadas.

¹ Mestrando em História da UFRGS. E-mail: dniscorrea@gmail.com

² Mestrando em História da UFRGS. E-mail: qkschulz@superig.com.br

³ Obra que pode ser lida em sua totalidade em URL: <http://classics.mit.edu/Aristotle/memory.html>

⁴ Conforme conferência apresentada em 1996, quando o tema ainda era incipiente no cenário historiográfico. Uma versão traduzida para o português dessa conferência pode ser acessada em URL: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>.

⁵ Principalmente nas obras *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história* (1986) e *Relações de Força: história, retórica, prova* (2000).

⁶ Muitos historiadores já advogam uma legitimidade superior à pesquisa feita em contato direto com documentos, em detrimento do uso de cópias digitais. Segundo Joseph Morsel, por exemplo, a “visibilidade” do documento é diferente de sua “visualidade”. MORSEL, Joseph. “Du texte aux archives: le problème de la source”. *Bulletin du centre d’études médiévales d’Auxerre (BUCEMA)* [En ligne], Hors série n° 2, 2008. URL: <http://cem.revues.org/index4132.html>

⁷ Conferir entrevista de Darnton - URL: <http://www.youtube.com/watch?v=2ofoocg64PI>, cf. Conferência durante a Kritikos Lecture da Oregon Humanities Center / University of Oregon, em novembro de 2009 - URL: <http://www.youtube.com/watch?v=ModchMNtgII>.